

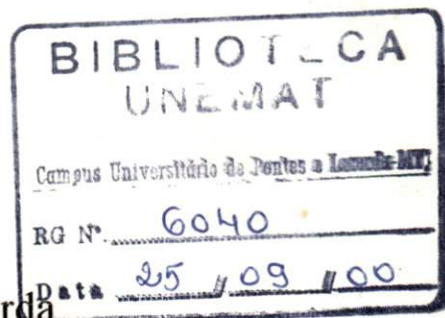
Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

37(=134.2)
N 244 p
Ex 1
C92573081

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Por que não o Espanhol?

Clarice Fonseca do Nascimento



Pontes e Lacerda
2000

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Por que não o Espanhol?

Ensaio Monográfico
desenvolvido no Estágio
Supervisionado de Língua
Inglesa e Literaturas do VIII
Semestre do Curso de
Licenciatura Plena em Letras
da Universidade do Estado de
Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e
Lacerda.

Pontes e Lacerda (MT)
2000

“Quando eu via o sol e a lua
levantar-se em seu
explendor, jamais meu
coração deixou se seduzir
em segredo, e minha mão
não foi levantada à boca para
um beijo.”

Jô 31:21

Agradeço a Deus pela
grande jornada que enfrentei.
Ao meu filho pela
compreensão e ao meu
esposo pela paciência.

Dedico à professora
Mércia pelo trabalho de
orientação e também pelo
incentivo que me deu
durante o curso.

À professora Maria Inês
que me fez despertar pela
poética.

À Edeina por ter me
dado força para o término do
curso.

Sumário

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerua - MT
BIBLIOTECA

1. Apresentação-----	6
2. Quadro Teórico-----	9
3. Marcos Legais e Entrevistas-----	13
4. Análise-----	17
5. Considerações Finais-----	21
6. Bibliografia-----	23
7. Anexos-----	25

Apresentação

*“... quem não conhece uma
língua estrangeira não pode
conhecer bem a sua língua
nacional.”*

Goethe

Transferimo-nos para esta região em meado de 1975, quando minha família deixou Mato Grosso do Sul, com ideal de comprar terras e trabalhar na agricultura.

Com a exploração da madeira surgiram muitos imigrantes que também queriam adquirir terra, trabalhar com o comércio ou pecuária.

Eu, logo que cheguei do Sul iniciei o meu estudo na escola de 1º e 2º Graus “Dep. Dormevil Faria” onde conclui o ginásio e posteriormente o 2ª Grau com habilitação para o magistério. Nessa época era difícil encontrar professor habilitado em língua estrangeira, havia somente uma escola pública e a língua estrangeira estudada nas série de V a VIII era o inglês.

O lugarejo tomava forma de cidade, o comércio começava e florescer, e diante da dificuldade de transportes os viajantes vindo do país vizinho, Bolívia, eram bem recebidos trazendo novidades.

O interesse comercial com o país vizinho sempre se deu devido o baixo custo das mercadorias “especiais” como: balas de revólveres, bebidas, cigarros, relógios, perfumes

franceses, roupa de frio, pneus, aparelhos eletrônicos e outros. Os brasileiros também eram procurados pelos bolivianos para fazerem serviço de desmatamento na Bolívia. Fazia-se necessário então, a comunicação entre esses habitantes da fronteira, que falavam de lá, a língua espanhola e de cá a língua portuguesa. A comunicação se dava através de gestos, mímicas, acenos e alguns intérpretes, que por necessidade aprenderam a usar deficientemente a outra língua. O entendimento entre os usuários do português e espanhol, às vezes era facilitado pela semelhança que há entre vários vocábulos e expressões de ambas as línguas. O contato prolongado entre eles favorece o aprendizado, que acontece inevitavelmente, pois além da semelhança de pronúncia e significado esse contato constante propicia o uso natural da língua com as modalidades de expressão do cotidiano. Vemos então pessoas que usam os dois idiomas, porém, não estão legitimadas para repassar este conhecimento.

A relação comercial entre esses dois países aumentou no decorrer do tempo, nesse interim, ingressei-me no curso de letras da Universidade do Estado de Mato Grosso. Durante o curso estudei o caminho percorrido pela língua portuguesa a qual deriva-se da língua latina. O latim é também a base da língua espanhola, a dos bolivianos. Aí entendi o motivo da semelhança entre as duas. Como sabemos, o Brasil foi colonizada por Portugal e os demais países latinos pela Espanha. Esta região de Mato Grosso pertencia à Espanha. Somente após o Tratado de Tordesilhas, em 1750, foi definida a fronteira Brasil-Bolívia e as terras matogrossenses passaram a pertencer legalmente ao Brasil.

Já no VIII semestre de meu curso, ao realizar o estágio supervisionado, verifiquei que temos em nosso município uma escola que oferece tanto a língua espanhola como a língua inglesa. Fui, então à busca das leis que regulamentam o ensino da língua estrangeira.

Encontrei a lei Federal e a Estadual. Foi então que surgiu-me o questionamento: Por que o ensino do inglês como língua estrangeira nesta região fronteira do Mato Grosso com a Bolívia? País de língua espanhola.

Daí surgiu-me o tema para meu trabalho de conclusão do curso: Inglês, língua estrangeira na região fronteira Brasil-Bolívia.

Como embasamento teórico para o meu trabalho busquei suporte na perspectiva sociointeracionista veiculada também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua inglesa. *“Aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional.”* (PCN 1998:57).

Busquei nas fontes históricas e através de questionário direcionada a algumas pessoas ligadas à educação de 1º e 2º Graus sobre o ensino de língua estrangeira em nossas escolas. Embasada no resultado dessa coleta de dados e nas leis que regulamentam o ensino da língua estrangeira nas escolas estaduais é que esse trabalho é desenvolvido.

Quadro Teórico

“O sujeito humano é uma constante construção que tem lugar na relação permanente com os outros sujeitos (...) A interação social é a condição permanente de existência do sujeito, a qual se concretiza numa constante relação com os outros.” (Pino 1991: 57)

Os pressupostos teóricos para minha pesquisa estão na abordagem sócio-interacionista da qual a maioria de nossos educadores são adeptos.

Pino, para definir a interação social, faz uma retomada da psicologia que estuda o homem e suas relações psicológicas. Para esclarecer o seu objetivo ele verifica que a psicologia sofreu influência de outras ciências e quando se firmou como tal, ora valoriza o pólo “indivíduo” ora o pólo “meio” na perspectiva biológica e sociológica respectivamente. O pólo indivíduo conduz à visão de homem no modelo biológico naturalista ignorando sua natureza-histórico-cultural, idéias definidas por Piaget – enquanto o pólo “meio”, defendido por Vygotsky, busca na experiência amparo para os seus fundamentos.

Devido à maneira como é entendida a interação social por uma e outra corrente, posteriormente concluiu-se que o homem não se define como sistema orgânico, nem é mero

fruto do meio, mas um sujeito constituído pela linguagem. Os três pressupostos da teoria sócio-histórico demonstram essa compreensão:

- 1- O homem é o resultado da atividade de trabalho “Através da qual se transforma e ao seu redor em seu benefício”.
- 2- “Todas as funções psíquicas são de natureza e origens sociais.”
- 3- “Toda atividade humana é mediada semioticamente.”

Partindo do primeiro pressuposto, o homem ao transformar o seu meio, cria instrumentos para mediar sua atividade. Um exemplo são os signos, criados pelos homens para representar outra coisa, convencionada socialmente. Esta possibilidade só existe porque o homem possui em seu organismo capacidade para inserir-se na história humana.

No segundo pressuposto: Vemos que todas as funções psíquicas são de natureza e origens sociais. Acredita-se que o meio sócio cultural é a condição necessária para constituição do psiquismo humano. São resultado da história sócio-cultural do homem.

O terceiro pressuposto está fundamentado na linguagem, através da qual o homem conhece o seu passado e faz o seu presente.

Vygotsky coloca que o signo é outro tipo de mediação instrumental devido a sua função mediadora na relação com o mundo material (instrumento técnico), e com o mundo social ou psicológico (instrumento simbólico). Este duplo sistema conduz à cultura, pois ao fabricar instrumento e inventar a linguagem, o homem passa de ser natural para sujeito cultural e sócio-cultural.

Bakhtin também estabelece o conceito de caráter ideológico dos signos que têm a mesma significação. A palavra isoladamente, sem contexto não tem sentido e por isso é neutra, todavia quando enunciada ela recebe significação e requer conhecimento desta

significação, estabelecendo sentido comum pois o homem vive em sociedade e esta tem uma história.

A relação entre os homens acontece porque estas se interagem socialmente nesta rede sócio-histórica fator que permite tantos avanços científicos e humanos.

Através da relação entre os sujeitos se enriquece o conhecimento, pois um sujeito depende do outro para afirmar-se como tal. Esta afirmação acontece porque existe uma sociedade que abriga símbolos reconhecidos na linguagem os quais permitem a interação social. Esta interação promove a aquisição de conhecimentos que são construídos entre um sujeito e outro. É a relação entre homem (sujeito), meio e linguagem devido à capacidade singular do homem de ter em si o orgânico (biológico) que se desenvolve, interagindo com e na cultura mantida e repassada através da linguagem.

Neste sentido é que a ordem do simbólico é tão importante. Com ela a sociedade humana pode reconhecer-se em seu passado e ainda construir a sua história, hoje, aqui no presente.

Para a visão internacional *"...Aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional."* (PCN, 1998; 57). A linguagem exerce o papel mediador na aprendizagem tanto que as pessoas que estão em grupos aprendem mais do que as solitárias.

Este é um pressuposto para a aprendizagem em sala de aula. Exercitando a linguagem no cotidiano as pessoas se interagem. Dentro da sala de aula a mesma relação deve acontecer para que haja uma aprendizagem eficaz.

A perspectiva sócio-interacional tão em voga tem tentado superar a visão tradicional onde o professor pensa estar interagindo ao fazer perguntas para o aluno responder, mas sem considerar as respostas diferentes das já previstas por ele, professor.

Na sala de aula, acontece o encontro de pessoas com culturas diferentes, costumes variados, assim como a educação desses alunos não é a mesma pois cada um traz uma história de vida e se juntam na sala com o professor. Nesse ambiente de diferenças a interação entre professor alunos e aluno aluno propicia uma aprendizagem mais rica e diversificada; entretanto, nem sempre acontece porque o professor ainda não consegue permitir esse ambiente interativo em sala de aula. Ela acontece entre os próprios alunos, alguns, porém, ainda não se sentem motivados ou interessados pela disciplina por falta de verdadeira interação.

Para que haja boa aprendizagem e ensino, o professor deve deixar sua postura tradicional e permitir que seus alunos expressem suas opiniões argumentando-as mesmo que contrárias às deles. Considere-se que a escola é construída com variadas identidades culturais as quais estão ali para aprender e compartilhar mutuamente.

Marcos Legais

Marcos Legais I:

Estado de Mato Grosso e normas para a Implementação da Educação Básica. Foi n.º 9394.20-1296 Seção I – Das Disposições Gerais. Art. 26 – os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (P. 50).

Na parte diversificada do currículo será incluída, obrigatoriamente, a partir da Quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (P. 51)

Seção IV – Do ensino Médio. Art. 36 – III – Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição (p. 53) (Legislação Estadual) Em

Marcos Legais II Estado de Mato Grosso Lei Complementar n.º 49 de 1º de outubro de 1998.

Seção I – Da Educação Básica.

Art. 62 – Os currículos do ensino fundamental e médio serão propostos pela escola e aprovados pelo Conselho Estadual de Educação, e terão a base nacional comum, complementada pelo Sistema Estadual de pela escola, adaptando-se às características regionais e locais da sociedade, da cultura e da economia locais, (P. 45).

Na parte diversificada da grade curricular será incluído, a partir da 5ª série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (p. 45).

Seção IV – Do Ensino Médio.

Art. 75 2º Serão incluídas duas línguas estrangeiras, sendo uma obrigatória e outra optativa. (p. 50)

Entrevistas

Os nossos entrevistados, representantes da educação desde o início da instalação da Escola Pública de 5ª a 8ª séries até os dias atuais, nos prestaram valiosas informações que relataremos a seguir.

O ensino fundamental nível de V a VIII foi implantado em 1974, segundo nos informou a primeira Secretaria da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Dep. Dormevil Faria, senhora M. M. Na implantação do curso não houve nenhuma discussão quanto à inclusão da língua espanhola como língua estrangeira. Foi incluída a língua inglesa como língua estrangeira automaticamente.

Poderia, segundo essa lei que regulamentava o ensino de língua estrangeira, ser ensinada mais de uma língua na instituição, todavia não se encontrava na cidade, profissional para desempenhar a tarefa, então aderiu-se à língua inglesa e não se pensou noutra possibilidade, mesmo havendo amparo legal que previa:

- a) Aos estabelecimentos do ensino de 1º grau recomendam-se que incluam uma ou mais línguas estrangeiras modernas em seu currículo pleno, procurando tanto quanto possível estimular e facilitar nesse campo a variedade de opções individuais.
- b) Recomendava-se igualmente que no pressuposto de tal variedade e da própria eficiência do ensino, as ofertas de línguas se façam apenas diretamente, na forma tradicional, como pela validação de estudo realizados em centro especializados de comprovada idoneidade, com os quais os estabelecimentos se articulam. (parecer 478,92).

Assim, a escola ganha a liberdade para a escolha da língua estrangeira mas observando as condições pré-estabelecidas na lei.

Nossa primeira entrevistada afirmou que não houve nenhuma discussão quanto à escolha da língua estrangeira pois a lei estabelecia que a inclusão poderia até ser de mais de uma desde que houvesse o profissional habilitado e na época só era possível na língua inglesa. Em Pontes e Lacerda só havia uma professora que trabalhava a língua inglesa. Desta forma não havia como incluir outro idioma no currículo escolar. Não houve discussão quando à função social para a inclusão dessa língua no currículo, acontecendo automaticamente. Segundo esse mesmo parecer, a língua francesa era a segunda língua mais cotada devido à influência cultural que o país exercia sobre o Brasil.

Nas entrevistas com educadores atuante no momento atual nas escolas públicas quais citarei apenas nas iniciais de seus nomes por questões éticas, observa-se a situação atual em relação ao ensino da língua inglesa e espanhola.

M.S.M coloca que ainda hoje, há dificuldades para encontrar professores de inglês, apesar da eficiência daqueles que fazem essa opção. Se fosse o espanhol não seria mais fácil por não haver nenhum trabalho de formação e/ou habilitação local. Mas acredita que o aluno deveria ter a oportunidade de escolher. O espanhol deveria ser ensinado devido a nossa

situação geográfica e agora economicamente devido ao Mercosul – que oficializa o antigo comércio entre países.

Quando questionadas sobre a função social da língua espanhola, M.S.M coloca que o envolvimento com esta língua será inevitável devido à fronteira e a relação econômica entre os países latinos. A escola deve estar preparando esses jovens para o mercado de trabalho. I.M.G. acredita que para os grupos que necessitam fazer contato com o país vizinho língua espanhola é justificável.

Quanto à priorização do espanhol sobre o inglês, há uma concordância em que devem ser oferecidos as duas, inclusive que seja pesquisada a abrangência da língua espanhola. M.S.M questiona o domínio que o aluno terá da língua estrangeira ao terminar o curso.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Análise dos Dados

“Quer para efeitos práticos, isto é, políticos, sociais e econômicos, quer para efeito culturais, impõe-se que a língua francesa não fique, no sistema de educação brasileira, em condição de inferioridade em face de nenhuma língua estrangeira... O saber a língua francesa pode representar contribuição da mais alta valia ao conhecimento mais profundo da língua inglesa.”

Na nossa região não acontecia essa influência direta pois devido à nossa fronteira com a Bolívia a maior necessidade era da língua espanhola. Considerando que a Espanha não tinha forças comerciais sobre o Brasil, o desenvolvimento da língua espanhola no país era bastante improvável. Nesse caso se tornava improvável encontrar professores habilitados nessa área. O conhecimento informal daqueles que haviam aprendido o castelhano “dialeticamente” não era aceito.

Aqueles que no comércio fronteiriço usavam as duas línguas não estavam habilitados a ensiná-la por não terem uma formação específica na área.

Tendo em vista que a relação comercial que acontecia entre os dois países era de caráter informal mesmo assim o ensino da língua se justificava ainda que fosse apenas pela desmitificação do preconceito de alguns contra a Bolívia e demais países latinos usuários da língua espanhola comparados com bugres, conotação de preguiçosos, pouco inteligentes etc. As pessoas que se relacionavam com bolivianos geralmente não participavam desses preconceitos. A prendiam sua língua e realizavam suas interações. Sabemos que a probabilidade de se encontrar entre os moradores de Pontes e Lacerda pessoas da Bolívia ou Paraguai era bem maior do que norte-americanos ou ingleses. A necessidade de comunicar-se numa segunda língua também era pouco esperada e improvável, especialmente no inglês.

A língua inglesa é a mais usada como segunda língua nos demais países. Em todo Brasil, é a mais ensinada. Sendo assim, os estudantes de Pontes e Lacerda não poderiam ser privados desse conhecimento.

O impasse de se adotar ou não a língua espanhola não acontecia porque não houve a discussão. Com o passar dos anos e com os estudos a discussão foi acontecendo informalmente entre alunos e não alunos e entre professores até chegar ao ponto de ser discutida formalmente pela comunidade escolar que optou por incluí-la no currículo.

Atualmente temos uma escola no município que incluiu em seu currículo a língua espanhola ao lado da língua inglesa contando, portanto, com a presença de duas línguas estrangeiras. É bom lembrar que em 1.999, ano anterior, esta mesma escola já oferecia o espanhol em caráter opcional. Na visão de outros profissionais entrevistados até hoje há muita dificuldade para se encontrar professores de língua espanhola mesmo sendo importante oferecê-la torna-se difícil devido a este problema.

Na atualidade há a oficialização da relação comercial Brasil-Bolívia, tanto que as escolas já têm preocupação com o preparo dos jovens para o mercado de trabalho. O

comércio que acontecia informalmente é oficializado pela criação do Mercado das Nações do Cone Sul (Mercosul). No Brasil o espanhol adquire relevância devido às relações comerciais agora entre os países latinos estabelecidas oficialmente. Sendo nossa região próxima de portos de exportação, ainda que inativa no momento, surgirão pessoas para realizar este trabalho que exigirá comunicação nas duas línguas e esta seria, segundo as entrevistas, uma das funções sociais da língua espanhola no currículo escolar em nossa região.

O P.C.N e Moita Lopes afirmam que a língua estrangeira deve ter uma função social justificada. Afinal são poucas as pessoas que podem usá-la freqüentemente. Por exemplo a Língua Inglesa tem sua justificativa na leitura pois é exigida em vestibulares, e admissão a cursos de pós-graduação literatura técnica ou lazer, poucas são as oportunidades para uso oral da mesma.

Enquanto para nós da fronteira, é propício o uso oral do espanhol pois existe maior oportunidade para comunicação não só para as relações do Mercosul, mas também para a relação comercial entre Pontes e Lacerda e Bolívia. Sabemos que é grande o número de pessoas que procuram Sam Mathias ou Santa Cruz para aquisições dos mais diversos suprimentos desde bebidas importadas, cigarros, cremes, perfumes e até gêneros farmacêuticos. Sacoleiros e camelôs ganham a vida comercializando flores, roupas, brinquedos comuns e eletrônicos, louças entre outros. Isso para não citar o comércio de pneus e outros que acontece.

A relação também se dá na contratação de mão-de-obra brasileira e máquinas para desmatamento.

Em consonância com Moita Lopes que coloca "... com o surgimento do Mercosul, o ensino do espanhol começa a despertar com o francês o espaço da 2ª língua estrangeira, C.L.P. Moita Lopes, 1996, 129).

Sabemos que informalmente a língua espanhola já se fazia útil, propícia como coloca o PCN *"A inclusão de uma área no currículo deve ser determinada entre outros fatores, pela função de desempenha na sociedade (...) No Brasil, tomando-se exclusão o caso do espanhol, principalmente nos contexto das fronteiras nacionais,... somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar língua estrangeira como instrumento de comunicação oral dentro ou fora do país."* (PCN L.E. 1998, 20).

Em termos turísticos, existe maior probabilidade financeira para pessoas visitarem os países do sul do que ir ao Estado Unidos, Inglaterra ou Europa.

Temos conhecimento de jovens que se deslocam daqui para estudar na Bolívia, levando seus parentes para visitar e assim conhecendo a cultura boliviana.

Só ressaltando, que apesar da fronteira, não há aproximação das culturas, interação cultural. Talvez aconteça nas fronteiras próximas como Aguapeí e fazendas locais nas divisas. Fora essa situação, os dois países mantêm-se impermeáveis na troca cultural. Talvez esses sejam os motivos da demora da inclusão da língua espanhola no currículo, aqui no caso da região de Pontes e Lacerda.

Considerações Finais

Enfocando a visão sociointeracionista da linguagem verifica-se a relevância da inclusão da língua espanhola no currículo escolar.

Para sua efetivação, destaca-se quão importante é a função social desta língua estrangeira. Há amparo legal já que a lei admite duas línguas estrangeira no currículo. “Serão incluídas duas línguas estrangeira, sendo uma obrigatória e outra optativa.”

No caso da nossa cidade (Pontes e Lacerda) as duas línguas se fazem necessárias de acordo com suas justificativas. O inglês devido ao sistema imperialista de seus falantes nativos e relevantes porque é cobrado nos vestibulares e cursos de pós-graduação e para algumas áreas a leitura técnica. Raramente acontece a prática oral dessa língua na nossa região “*Nota-se também, aqui os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão o curso de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura*” (PCN 20).

O espanhol devido à posição geográfica fronteiriça propiciou o comércio, que de imediato estabeleceu a necessidade da oralidade. Favorecida pelo parentesco entre espanhóis e portugueses esses comerciantes usam de todos os recursos da comunicação e se entendem especialmente pelas semelhanças de vocábulos. Vemos aí a uma função que somada à crescente influência desta língua no mercado de trabalho e à instalação do Mercosul, justifica sua inclusão no currículo. A partir do sociointeracionismo veiculado pelo nosso (PCN) o ensino de língua estrangeira no Brasil justifica-se socialmente, sendo que no

inglês interessa mais a habilidade da leitura ao espanhol a oralidade, especialmente para a cidade de Pontes e Lacerda, por vizinhar-se com a Bolívia.

Bibliografia

CODEPES. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Ensino Fundamental, Brasil. 1971.

LEGAIS, Marcos; I

LEGAIS, Marcos; II

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Oficina de Lingüística Aplicada. Campinas, SP.: Mercado das Letras. 1996.

P.C.N., Parâmetro Curricular Nacional, de Língua Estrangeira. Ministério da Educação e Cultura e Desporto. Brasil. 1998.

ANEXOS

ENTREVISTA COM AUTORIDADES DO ENSINO DE PONTES E LACERDA-MT

NOME: Luciene Mária Gobira

FUNÇÃO: Secretária Municipal

1. Haveria ou há dificuldades para se encontrar professores de Língua Inglesa?

Haveria, hoje com o trabalho que a UNEMAT vem realizando no município tem melhorado bastante a qualidade do ensino em língua Inglesa. De cada turma que forma se despende um ou dois com tal habilidade.

2. Se a Língua Estrangeira do currículo fosse o espanhol, você acha que seria mais fácil encontrar profissional?

Aqui em Pontes e Lacerda no momento não.

3. Você vê uma justificativa social (função social) para o ensino da Língua Espanhola em nossa região?

De forma direta não, mas para alguns grupos é necessária, pois necessitam de fazer contatos com o país vizinho.

4. Considerando a Lei sobre o ensino de língua estrangeira, você prioriza o espanhol sobre o inglês em nossa região por ser um país vizinho à Bolívia (de língua espanhola) ?

Priorizar não, mas acho que tem que caminhar junto, e cabe à escola criar turmas específicas e trabalhar em horários diferentes do período de aula do aluno.

5. O êxodo de jovens que vão cursar o 3.º Grau na Bolívia justificaria a inclusão do espanhol no currículo do ensino fundamental em vez do inglês?

Não, acho apenas que a língua espanhola não seja esquecida no cotidiano das escolas, mas que o Inglês continue fazendo parte do currículo escolar, por ser uma língua de repercussão mundial.

ENTREVISTA COM AUTORIDADES DO ENSINO DE PONTES E LACERDA-MT

NOME: Maria Sinforosa Martins

FUNÇÃO: Diretora da Escola Estadual de 1.º e 2.º Graus "14 de Fevereiro"

1. Haveria ou há dificuldades para se encontrar professores de Língua Inglesa?

Sim, pois a maioria dos professores de Letras optam pela Língua Portuguesa e Literatura. Geralmente na atribuição de classes e/ou aulas, escolhem língua estrangeira - Inglesa - somente para complementar a Carga Horária. Mas nesta escola "14 de Fevereiro" os professores que optaram pela carga horária de Inglês estão desempenhando com eficiência suas aulas.

2. Se a Língua Estrangeira do currículo fosse o espanhol, você acha que seria mais fácil encontrar profissional?

Não! porque não se fez ainda nenhum trabalho na formação ou habilitação nesta área ou seja na língua espanhola. Mas acho que o aluno deveria ter a oportunidade de escolher uma ou as línguas estrangeiras. O Inglês por ser universal/e mais falada no mundo. O Espanhol por ser geográfica/e e econômica/e viável - MERCOSUL.

3. Você vê uma justificativa social (função social) para o ensino da Língua Espanhola em nossa região?

Com o processo de globalização, os mercados mundiais se aqueceram, para se fortalecerem economicamente. Com a América do Sul não é diferente. A língua Espanhola na nossa região será inevitável, pois, situamos geograficamente em área de fronteira, além, da abertura através de Cáceres e na nossa região a Estrada da Integração Latino Americana - Brasil - (nossa região até o Chile), com saída pelo Pacífico - abrindo espaço para expansão de outro mercado econômico e de trabalho. Por isso a língua Esp. será necessária.

4. Considerando a Lei sobre o ensino de língua estrangeira, você prioriza o espanhol sobre o inglês em nossa região por ser um país vizinho à Bolívia (de língua espanhola)?

Primeiramente deveríamos fazer uma pesquisa ou diagnóstico e abrangência da língua Espanhola para que os alunos pudessem optar. Mas preferencialmente que a escola oferecesse as duas línguas Estrangeiras. O problema maior não é oferecer a língua estrangeira, o que observamos é que o aluno da escola pública, que tem a língua estrangeira na educação básica, e sai dela sem dominar e falar escrever fluentemente. Quem quiser dominar uma língua estrangeira tem que frequentar um curso extra. ex: CCAA, Fisk.

ENTREVISTA COM AUTORIDADES DO ENSINO DE PONTES E LACERDA-MT

NOME: D. ~~Luci~~ ^{Secretária}

FUNÇÃO: 1.ª ~~professora~~ do 1.º Grau da Escola Estadual de 1.º e 2.º Grau "14 de Fevereiro"

1. Como se deu a inclusão de língua Estrangeira (Inglês) no currículo do ensino fundamental (ou ginásio) aqui em Pontes e Lacerda?

Desde que foi implantado o V a VIII - Ensino Fundamental, foi de acordo c/ a Lei 5692/71 no ano de 1974.

A professora de língua Inglesa era D^{ca} Luci Maria da Silva Santos

Fonte: Parecer nº 428/75 - CE

Lei - 5692/71

2. Quando iniciou o curso ginasial houve alguma discussão para se incluir como "Língua Estrangeira" o espanhol em vez do Inglês, por ser aqui uma região de fronteira?

Não houve nenhuma discussão, pois a lei estabeleceu que a inclusão da língua estrangeira poderia ser até mais de uma, desde que houvesse o profissional habilitado. No caso de P. Jacinto só havia, pessoa habilitada era somente na língua inglesa.